

A RODA DE LEITURA COMO ESPAÇO DE REFLEXÃO CRÍTICA EM UM MUNDO DIGITAL

Márcio Vinícius Delgado¹

Antonio Flavio Barbosa Moreira²

Resumo

Este artigo explora a interseção entre atividades³ de rodas de leitura e as nuances do mundo tecnologicamente digital, com o objetivo de entender como a interação com textos em um ambiente de roda, originalmente sendo uma atividade analógica, pode se manter viável em um mundo progressivamente digital. Com esse objetivo, o estudo analisa atividades conduzidas em grupos de pesquisa e uma atividade de roda realizada em uma praça pública com participantes não determinados previamente. Essas análises servirão como base para investigar como atividades analógicas, como as rodas de leitura, podem ser integradas na era atual e manter sua relevância na educação em um mundo cada vez mais dependente de tecnologias. Através da análise das práticas mencionadas, o artigo reitera a importância de preservar essas dinâmicas tradicionais de aprendizado em um contexto educacional contemporâneo.

Introdução

A educação, reconhecida como um direito fundamental, é o resultado de diversas lutas históricas e homologação de documentos importantes como a Declaração Universal dos Direitos Humanos (DUDH) e a Constituição da República Federativa do Brasil (CRFB). Uma análise cuidadosa do artigo 26 da DUDH e dos artigos 205, 206, 208 e 214 da CRFB revela a afirmativa de que “todos têm direito à educação”, sem distinção de idade, gênero ou raça, reforçando a equidade proposta por esses documentos. Este direito é crucial para o desenvolvimento individual, permitindo a aquisição de habilidades e conhecimentos que garantam a participação efetiva na vida social. A CRFB aprofunda essa análise, postulando que a sociedade, em conjunto com a família e o Estado, devem promover e proporcionar educação, independentemente da condição social e econômica do indivíduo, possibilitando seu desenvolvimento, aperfeiçoamento e participação na sociedade.

Dessa forma, partindo do ponto de que a educação é um direito assegurado, técnicas são desenvolvidas e aplicadas ao sistema educacional por outros documentos,

¹ Mestrando em Educação na Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ, graduado em Letras pela Universidade Católica de Petrópolis-UCP.

² Professor Emérito da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ e titular da Universidade Católica de Petrópolis-UCP.

³ Atividade desenvolvida no período como bolsista em um projeto de pesquisa que abordava rodas de leitura.

como é o caso da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), que estabelece princípios e diretrizes com a finalidade de reforçar e garantir a equidade proposta em documentos anteriormente mencionados.

Trazendo essa discussão para o cerne deste artigo, alternativas são pensadas por diferentes educadores para que a educação aconteça e se torne a chance para emancipação dos indivíduos. Dentre elas, atividades de rodas de leitura, difundidas no final dos anos 80 e que permanecem até os dias atuais, são muito importantes para o desenvolvimento cognitivo pessoal e coletivo do grupo.

Durante quase uma década, dediquei-me à pesquisa de atividades que integravam textos e imagens em rodas de leitura e essa experiência revelou-me a importância de incluir tais atividades em uma discussão atual e relevante sobre a exposição exagerada à tecnologia. Nesse aspecto, procurei em diários de campo elementos que auxiliassem na compreensão de como a interação com textos em uma dinâmica de roda se consolida como uma atividade analógica em um mundo cada vez mais digital. Para ilustrar, escolhi atividades realizadas em grupos de pesquisa, sendo uma delas realizada em uma praça pública com participantes não previamente definidos.

Um mundo digital

O progresso quase sempre foi motivo de preocupação e espanto, principalmente por mudar uma realidade, sanar necessidades e criar outras não imaginadas até então, em curtos espaços de tempo. De todas as tecnologias desenvolvidas ao longo da história, segundo Silva e Piedras (2016), após a televisão, a Internet se destaca como a invenção técnica mais recente e revolucionária no campo da comunicação e informação. Desse novo cenário de descobertas, criou-se uma “ideologia da tecnologia”, que “torna qualquer nova tecnologia não só natural e normal para a cultura, mas algo que é necessário para fazer a sociedade melhorar”. (Burnett; Marshall, 2003), havendo pouca reflexão sobre os potenciais perigos que esses avanços tecnológicos podem causar. Para parte da sociedade, há um sentimento de “naturalização”, assim como na passagem:

nós aceitamos a velocidade da obsolescência tecnológica e naturalizamos nossos desejos de consumidores que não podem ser realmente felizes sem o último modelo. Para muitos de nós, essa ideologia da tecnologia é uma realidade cultural que dá forma à vida cotidiana. (Burnett; Marshall, 2003, p. 9, In: Silva; Piedras, 2016)

Silva e Piedras (2016) prosseguem refletindo que, independentemente do período histórico, essas “novas tecnologias” são beneficiadas por uma “contínua narrativa, na cultura ocidental, cujo ponto dominante tem sido o da ‘transformação revolucionária’”. (Burnett; Marshall, 2003, p. 9, In: Silva; Piedras, 2016)

A mesma questão foi abordada por Yuk Hui no livro “Tecnodiversidade” (2020). O autor reflete sobre a tecnologia, como a interpretamos, a aplicamos e como será nossa interação futura com ela, surgindo o conceito de tecnodiversidade. Este termo se refere à presença de uma gama diversificada de tecnologias, cada uma com sua própria história, cultura e finalidade. Este conceito se opõe à ideia de monotecnologia, que defende a existência de uma tecnologia perfeita e única que deveria ser adotada por todos.

O autor propõe uma discussão do conceito de cosmotécnica como uma maneira de abordar a tecnologia de uma perspectiva não universal e, em consequência, não eurocêntrica;

Proponho ir além da noção de cosmologia; em vez disso, seria mais produtivo abordarmos o que chamo de cosmotécnica. Aqui vai uma definição preliminar: cosmotécnica é a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte. Não há apenas uma ou duas técnicas, mas muitas cosmotécnicas. (Hui, Y. 2020. p. 25-26)

Ao propor essa concepção, entende-se a cosmotécnica, como a unificação do cosmos e da moral por meio das atividades técnicas, sejam elas da criação de produtos ou de obras de arte” (Hui, 2020b, p. 39). Cada produto ou obra humana constitui uma parte integrante do mundo, em constante interação com o meio ambiente e os seres vivos, levando em conta os impactos socioambientais. Isso se opõe ao pensamento eurocêntrico da tecnologia como superior ou separada à natureza. Outro ponto é o cosmopolitismo, que permite uma maior cooperação entre as diferentes culturas globais na busca de soluções tecnológicas para desafios globais, como apoiar o desenvolvimento de tecnologias alternativas e sustentáveis, ajudar na proteção dos direitos humanos e dos valores democráticos na era digital e promover a diferença, o diálogo e a cooperação para um pensamento coletivo. Segundo ele,

Para que se faça uma defesa do cosmopolitismo hoje, penso que devemos reler o cosmopolitismo de Kant de acordo com o processo de modernização e revisitar as questões da natureza e da tecnologia de uma maneira diferente. A chegada da tecnologia moderna a países não europeus ao longo dos últimos séculos gerou uma transformação que

era impensável para observadores europeus. A restauração de “naturezas nativas” precisa primeiro ser questionada – não porque elas não existam, mas porque estão situadas em uma nova época e são transformadas de tal modo que dificilmente haverá como voltar atrás e restaurá-las. (Hui, Y. 2020. p. 24)

É pertinente pensar nesses conceitos apresentados nos parágrafos anteriores, como fundamentos para uma nova abordagem à tecnologia, pois essas abordagens permitem uma compreensão mais ampla e inclusiva da tecnologia que não está restrita à sua dimensão técnica ou à sua propriedade por um determinado país ou cultura.

Outro ponto que Hui destaca é a necessidade de questionar a tecnologia como um fenômeno progressivo e inevitável. Ele enfatiza que a tecnologia pode ser usada para o bem ou para o mal e, quando gestada e desenvolvida localmente, dialogando com os valores e crenças de cada comunidade, torna-se intrinsecamente ligada à natureza e à cultura de um lugar. Também nos alerta sobre os perigos de se tornar cada vez mais indispensável em nossas vidas, não havendo uma contraproposta ou uma reação de nossa parte ao nos depararmos com algum eventual problema. O autor prossegue afirmando que a tecnodiversidade é o caminho a ser seguido em nosso futuro tecnológico, pois fornecerá uma tecnologia mais justa e equitativa, que atenda às nossas necessidades e seja mais consciente com o meio ambiente.

Jonathan Crary, em “Terra arrasada” (2023), possui um tom um pouco mais pessimista, porém necessário para refletirmos sobre os constantes avanços tecnológicos e a dependência que eles nos causam.

Se for possível um futuro habitável e partilhado em nosso planeta, será um futuro off-line, desvinculado dos sistemas destruidores de mundo e das operações do capitalismo 24/7. No que quer que persista do mundo, a arquitetura de grid que hoje habitamos será uma parte fragmentada e periférica das ruínas a partir das quais talvez despontem novas comunidades e projetos inter-humanos. Se tivermos sorte, uma era digital de vida breve será superada por uma cultura material híbrida baseada em antigos e novos modos de vida e de subsistência cooperativa. (Crary, J. 2023 p. 10)

Crary nos apresenta um panorama muito informativo e reflexivo do avanço da tecnologia, que desconfigurou um modo de vida existente e reconfigurou um novo, pautado na corrida pelo aperfeiçoamento. O autor prossegue com sua argumentação, sugerindo que a era digital pode estar se aproximando do fim por várias razões, incluindo os altos custos de muitas dessas tecnologias emergentes, o que pode limitar o acesso para

muitas pessoas. Outros fatores importantes incluem o intenso controle e vigilância das pessoas e os graves danos ambientais.

Diante disso, penso que há uma contradição que merece ser analisada. Esse controle e vigilância são financiados por muitas empresas, assim como os anúncios de televisão, com o objetivo de lucrar ainda mais com as informações obtidas de seus potenciais compradores. Para isso, eles constantemente abastecem o mercado com tecnologias “básicas” que atendem a muitas demandas e satisfazem suas necessidades de acesso. Vários lançamentos são extremamente baratos com o objetivo de aumentar as vendas e alcançar mais pessoas.

Crary (2023) prossegue analisando a era digital como uma extensão do capitalismo, na qual há uma vasta exploração do trabalho e esses “trabalhadores são submetidos a regulações cada vez mais severas de seu tempo e suas atividades laborais e também são ameaçados pelo risco iminente de serem substituídos por robôs.” (Crary, J. 2023 p. 79-80), sem contar o acúmulo de capital, centralizado em poucas empresas que dominam com seu poder e controle. Um exemplo simples desse controle é o fato de que, pelo menos no Brasil, todas as contas de smartphones Android e praticamente todas as contas institucionais estão em um mesmo domínio, de uma determinada empresa. Se algo acontecer, os danos podem ser incalculáveis. Estendo essa reflexão ao sistema operacional de grande parte dos smartphones, dominados pela mesma empresa.

Dessa forma, Crary (2023) nos convida a imaginar um futuro *off line*, sustentável, com o surgimento de tecnologias mais inclusivas, que devem ser regulamentadas para garantir os direitos individuais das pessoas. Entendemos que essas tecnologias, utilizadas para atender às necessidades das pessoas, devem ser incentivadas para melhorar a qualidade de vida e sua preservação, em um mundo habitável. Há a necessidade do desenvolvimento de uma nova ética para o uso dessas tecnologias, das já existentes e das novas, baseada em valores de equidade e sustentabilidade, promovendo um mundo pós-digital onde não sejamos mais controlados, monitorados e, acrescento, assediados com constantes lançamentos que são vendidos como uma necessidade. Um futuro em que tenhamos liberdade e privacidade, contribuindo para um ambiente de vida mais sustentável.

Crary (2023) valida a revalorização de atividades *off line*, com contato humano, trabalho manual e ao ar livre. “Igualmente importante será uma nova concepção para os vínculos entre humanos e animais, com o resgate do que houver sobrado de biodiversidade e com a recuperação do espírito de festivais e de artes definidas pela participação em grupo.” (Crary, J. 2023 p. 113). Por meio dessas discussões, penso na roda de leitura como uma atividade analógica que deve ser reafirmada em um mundo dominado pela tecnologia e por seus constantes avanços. Concordo com a visão de um futuro renovado, alinhado à ideia de conscientização desde a educação básica, conforme destacado por Buckingham (2022) em seu manifesto pela educação digital. Ele ressalta que a educação em mídia não deve se limitar apenas ao ensino do uso de dispositivos, mas deve ir além, promovendo uma compreensão crítica e aprofundada de como a mídia opera, se comunica, representa o mundo, é produzida, utilizada e qual é a sua real necessidade. Este entendimento é fundamental para que os jovens possam navegar de forma segura e crítica pelo mundo digital. Para isso, necessitamos de programas de educação midiática abrangentes, sistemáticos e duradouros, que sejam considerados um direito básico de todos os jovens.

Uma atividade analógica: Roda de leitura

É importante, antes da explanação de roda de leitura (RD), explorar o conceito de “atividade analógica”. Na ausência de definições específicas para tal explicação, busquei em demais classificações o sentido do analógico, que geralmente vem em oposição ao digital. Na educação, atividades analógicas referem-se a métodos de ensino tradicionais, como discussões em grupo e leitura de livros físicos, que não requerem tecnologia digital. São chamadas de “analógicas” pois, ao contrário da tecnologia digital, representam informações de forma contínua e não limitada a aparelhos tecnológicos.

Entendemos que a RD também foi impactada com a modernidade, principalmente após a pandemia de covid-19, pois começou a ser explorada com mais intensidade na modalidade digital. Mas a ideia aqui levantada e que se procura enfatizar é, assim como Crary (2023) afirma, haja um resgate de atividades *off line* que nos permitam um futuro minimamente possível. Dessa forma, foco meus estudos nas RD em sua ideia original, analógica, assim como a explicação do termo no parágrafo anterior e, especificamente, em alguns casos que em pude contribuir e participar.

Garcia e Ritt (2020) caracterizam a “roda de leitura”, assim como o nome sugere, sendo uma formação em círculo ou semicírculo que congrega um grupo de pessoas em torno de um leitor-guia. É importante destacar que a escolha do termo “roda” para esta atividade não é aleatória. A intenção é criar uma estrutura que não estabeleça hierarquia com base na posição ocupada, proporcionando uma experiência equitativa para todos os participantes. Essa ideia é corroborada pela contribuição da pesquisadora Azoilda Loretto da Trindade “a roda tem um significado muito grande, é um valor civilizatório afro-brasileiro, pois aponta para o movimento, a circularidade, a renovação, o processo, a coletividade: roda de samba, de capoeira, as histórias ao redor da fogueira”.

Acrescentando às definições, Clíce Haddad (1995) caracteriza a RD como um recurso que possibilita a troca de pontos de vista entre os participantes e a socialização de informações, o que permite o desenvolvimento da atividade.

Garcia (2020) sugere que o número de participantes, a duração, o espaço, o material a ser lido ou o filme a ser analisado, pode ser pré-fixado ou decidido em conjunto. No caso de encontros recorrentes, o leitor-guia pode sondar as preferências do grupo para definir os próximos passos.

O papel do leitor-guia, conforme Garcia (2020) sinaliza, é estabelecer uma dinâmica que promova a participação ativa de todos na RD, criando um ambiente acolhedor e descontraído para envolver o grupo. Isso requer uma sensibilidade aguçada para entender as peculiaridades do grupo e o estágio de vida de cada participante. Uma das técnicas que ele pode empregar é o “exercício do nome” (Garcia, 2020), onde cada participante revela seu nome e sua origem. Esta atividade serve para quebrar barreiras iniciais e promover um sentimento de igualdade entre os membros do grupo. O leitor-guia também se junta a este exercício, compartilhando sua própria história, o que é crucial para estabelecer um ambiente seguro para a expressão livre de todos. “Dinamizar o grupo, fazer com que as pessoas se expressem e postulem de forma aberta e dinâmica suas questões, além de conhecimentos básicos em torno do que é lido, são qualidades que se esperam do leitor-guia.” (Garcia, 2020. p. 12).

Esse leitor-guia, embora seja uma figura central, atua mais como um facilitador do que um líder tradicional, incentivando a participação e mantendo a dinâmica da RD. A roda é uma jornada imprevisível de aprendizado coletivo, e o leitor-guia precisa

garantir que a discussão permaneça interessante, utilizando várias técnicas para estimular o debate.

A quantidade ideal de participantes em uma RD é de cerca de 10 a 15 pessoas, permitindo uma discussão rica e diversificada sem perder a individualidade de cada participante. A duração pode variar, mas geralmente é de uma hora, com 10 a 15 minutos dedicados à leitura e o restante do tempo para o debate. O local precisa ser tranquilo, espaçoso e acolhedor, proporcionando um ambiente propício para a concentração e a participação ativa de todos, assim como nos afirma Garcia:

O número de participantes não deve ser tão pequeno que não permita uma variedade de opiniões, nem tão grande que se perca a possibilidade de distinguir quem é quem. O tempo de duração pode variar de uma hora a uma hora e meia, dividido entre a leitura e o debate. Sendo uma hora, 10 a 15 minutos de leitura me parecem razoáveis, ficando os 45 a 50 minutos restantes para o debate. O local deve ser fechado, espaçoso, despojado e silencioso. (Garcia, 2020. p. 12)

Garcia e Ritt sugerem que “a escolha dos textos é da maior importância para o êxito de uma roda de leitura (RD), sendo fundamental que o leitor-guia se identifique com a sua escolha: conto, poesia, letra de música, crônica, reportagem de jornal etc., o que não significa que ele não negocie com o grupo com o qual vai realizar a roda” (2020. p. 51).

Os autores Garcia e Ritt (2020) prosseguem afirmando que, nesta atividade, cada participante pode ter uma cópia do texto para leitura. Inicialmente, a leitura é feita de forma individual e silenciosa. Em seguida, a leitura é realizada coletivamente e em voz alta. Essas duas fases possibilitam a comparação de diferentes interpretações do texto, pois mesmo em uma leitura individual, podem surgir interpretações distintas. Além disso, uma releitura sempre traz uma nova perspectiva. Posteriormente, o livro (se o texto foi extraído de um livro) é apresentado aos participantes.

Para problematizar ainda estas reflexões, Duby (1975) questiona se estamos evoluindo para uma nova oralidade na literatura. Ele destaca que as sociedades antigas eram predominantemente orais, e que a apreciação da obra era feita principalmente por meio da audição. Duby indica que, atualmente, a música, o teatro, o cinema e, ousaria acrescentar, as mídias digitais, são veículos significativos de disseminação cultural. Ele sugere que, sem que nos dêsemos conta, um vasto sistema de educação baseado em comunicações não escritas está se expandindo. É seguro dizer que esse sistema já está

estabelecido, o que reforça a ideia de que atividades semelhantes, como as rodas de leitura, podem ser reafirmadas à educação como saída à uma educação emancipadora e crítica, que nos permita pensar em um futuro possível.

Experiências em campo

Durante quase uma década, quando era bolsista de iniciação científica, participei dos grupos de pesquisa que envolviam RD. Nesse período, tive a oportunidade de explorar o conceito na prática, tendo até desenvolvido, posteriormente, algumas organizações de rodas por conta própria, mas nesse artigo escolhi abordar duas experiências de que participei. A primeira delas foi dividida em três encontros, com integrantes do grupo de pesquisa, no campus da universidade, como descrita em três partes a seguir, extraídas de minhas anotações de campo:

1ª Experiência – encontro 1:

O encontro começou com o professor apresentando o campo de pesquisa e a atividade de prática de pesquisa. Ele destacou a importância da RD, um espaço para análise de textos e imagens. Neste primeiro encontro, apenas cinco membros do curso “prática de pesquisa” estavam presentes. O professor prosseguiu com a discussão sobre a RD e seu impacto na vida das pessoas.

Os membros do grupo compartilharam suas opiniões sobre leituras impressas e digitais, que foram comentadas pelo professor. Isso gerou um debate produtivo sobre o tema, com o grupo dividido entre apoiadores e críticos das novas tecnologias. Para um dos membros, por exemplo, a leitura e a digitação em um tablet são indiferentes, enquanto outros destacaram a importância do contato físico com o livro, que inspira e provoca emoções.

O professor explicou que a maneira como o texto é escrito ou formatado na página pode alterar sua interpretação. Ele também mencionou que a escrita manual e a digitada são diferentes, pois no computador os erros são perdidos ao serem deletados, enquanto no papel, o erro ou sua marca permanece, levando à reflexão sobre o que foi escrito.

O professor enfatizou a importância do nome próprio. Ele se apresentou, compartilhando a origem de seu nome, e convidou cada participante a fazer o mesmo. Foi mencionado que o nome está ligado à identidade e se torna um referencial que influencia

o indivíduo. Nesse momento, foi sugerido que nos apresentássemos e contássemos sobre nossos nomes.

Após as apresentações, houve uma reflexão sobre o que falamos, quando se observou o significado que cada participante dava ao seu próprio nome. Também foi observada a aceitação e incorporação de um apelido que acaba se tornando um nome, uma identidade. Para a outra semana, foi entregue a crônica de Rubem Braga, “Homem ao Mar”, para que lêssemos, individualmente e, posteriormente, em grupo.

1ª Experiência – encontro 2:

O professor leu o texto “Homem ao mar”, de Rubem Braga, entregue na semana anterior. Após a leitura, iniciou-se o debate. Alguns membros destacaram a questão do olhar, da observação, do sentido de cuidar, da importância do outro, do controle do outro.

Após as considerações dos participantes, o professor ressaltou a importância do olhar do narrador/autor da crônica, destacando o significado de algo aparentemente trivial com pura magia.

Os membros do grupo comentaram sobre o poder do autor de retratar o cotidiano. O fato de se isolar em meio à correria do dia a dia para contemplar coisas que são imperceptíveis.

Após a discussão, o professor distribuiu o conto “Dói mais do que quebrar a perna” de José J. Veiga, que foi lido pelos participantes em um rodízio. O conto foi muito interessante para os membros, pois explora a relação professor-aluno. O texto é conciso e narra essa relação platônica, em termos amorosos.

1ª Experiência – encontro 3:

Esse último encontro foi composto por quatro alunos do curso “prática de pesquisa”. O professor retomou a discussão do conto “Dói mais que quebrar uma perna”. Um dos alunos iniciou a discussão citando partes do texto que sugeriam a paixão do aluno pela professora. O professor comentou sobre a perspectiva do adolescente, cheia de paixões e emoções. Ele mencionou a influência dos apelidos e comportamentos na sala

de aula, e como eles formam uma identidade, determinando o nível de disciplina e inteligência.

Uma discussão sobre gênero foi iniciada, pois foi notada uma mudança de perspectiva e comportamento ao longo da história, quando a figura de autoridade muda de um professor para uma professora. Foi destacado como a voz da professora foi o fator decisivo para ganhar a atenção da turma e como a voz pode afetar o imaginário.

Essa leitura gerou uma discussão interessante, pois os participantes trouxeram lembranças da infância e de experiências vividas, reconectando-se a sentimentos que, comentado por alguns, estavam adormecidos. Uma das alunas associou essa experiência ao fato de estarem em grupo, onde algumas ideias só existem se forem compartilhadas e reproduzidas em conjunto. Também foi discutido o sistema de seleção de alunos nas escolas, baseado no grau de inteligência e disciplina.

2ª Experiência

A segunda experiência de RD ocorreu em formato mais livre, em uma praça pública no centro da cidade de Petrópolis, chamada de Praça da Águia. A participação foi aberta a pessoas aleatórias que passavam e se sentiam à vontade para se juntar ao grupo. O local escolhido foi o gramado da praça, onde cadeiras de madeira foram organizadas em círculo para acomodar os participantes.

Inicialmente, apenas Márcio, o professor Pedro Garcia e Gisele Schmidt, que conduziram as discussões, estavam presentes. O tema central era o livro “Andanças pelo País das Maravilhas e pelo Bosque do Espelho: Reflexões de Alice para educação”, escrito por ambos e originado da dissertação de mestrado de Gisele. A ideia era discutir, em uma aula pública, os aspectos da produção do livro e as reflexões sobre educação com base nas teorias de Jean-Jacques Rousseau e Paulo Freire, estabelecendo um diálogo com “Alice no País das Maravilhas”, de Lewis Carroll. Os autores objetivavam explorar esse universo criado por Carroll através de várias lentes como a educação, o estudante, o professor e a escola, muitas vezes tida como monótona, perpassando pelos enigmas sem resposta, o aprendizado útil e inútil, e o óbvio que, aparentemente, se transforma em mistério.

O grupo foi se formando gradualmente, chegando a um total de 12 pessoas, incluindo os autores. Foi realizada uma apresentação na qual os participantes deveriam

se apresentar e, em seguida, compartilhar suas experiências com a leitura. As discussões começaram com o tema “Identidade”, presente tanto na obra de Carroll quanto no livro de Pedro e Gisele, buscando estabelecer as relações de identidade presentes em Alice com as que ocorrem na educação.

O debate foi intenso desde o início, com a presença de um participante muito ativo, que sempre se expressava de maneira complexa, mas com observações muito precisas. Foram lidos alguns trechos da obra original presentes na dissertação e, em seguida, discutiu-se como isso se reflete na educação atual. A questão da autoridade foi um tema amplamente discutido e analisado pelos participantes.

Alguns mencionaram que nunca haviam refletido sobre como Alice é relevante para os problemas atuais da educação. Um participante relatou a falta de autoridade dos professores na sala de aula atual e como isso vem se tornando cada vez mais complexo. Em seguida, um participante “mais falante” deu exemplos de como as crianças de hoje tratam seus professores e pais, com rispidez, agressão e sem respeito. Discutiu-se sobre o complexo da adolescência que, em alguns casos há uma “extinção” e, em outros, um prolongamento, como os chamados “adolescentes de 30 anos”.

Ao final da discussão, mesmo que ainda muito pudesse ser debatido, mas devido ao tempo e ao frio, os autores explicitaram algumas partes do livro que haviam sido levantadas. Foi, então, que o participante “mais falante” fez a seguinte observação: “A Roda (de leitura) é mais inteligente! São várias pessoas diferentes buscando similaridades de assuntos e, na roda, as ideias se complementam. Criam-se atalhos sobre um tema para se chegar a uma conclusão.” Ele continuou dizendo: “Mesmo que todos sejamos falantes na roda, ela precisa de um guia para geri-la. Não faz sentido a Távola Redonda sem um Rei Arthur, por isso a roda precisa de um leitor guia.”

Todos agradeceram e elogiaram o trabalho realizado pelo professor Pedro Garcia e Gisele Schmidt, enaltecendo a oportunidade de poder debater, em uma aula pública, diversos assuntos que são sempre polêmicos, mas nem sempre lembrados.

Considerações finais

Em um mundo cada vez mais digital e tecnológico, as experiências vividas nas Rodas de Leitura mencionadas anteriormente destacam a importância contínua da

interação humana, do diálogo e da colaboração na educação, reforçando que a aprendizagem é um processo coletivo e colaborativo, onde as ideias devem/podem ser compartilhadas e construídas em conjunto. Todo esse movimento em conjunto vivido na experiência da RD cria uma comunidade de aprendizagem, na qual os participantes se sentem valorizados e ouvidos, o que é contraponto ao mundo digital em que as pessoas costumam se sentir isoladas. Dessa forma, as Rodas de Leitura podem ser colocadas como um espaço para análise coletiva de textos, oferecendo um contraponto importante à tendência de consumo individual de conteúdo em plataformas digitais.

Nas experiências de campo, narradas neste artigo, a leitura e discussão de textos geraram reflexões interessantes e permitiram aos participantes compartilharem lembranças e experiências vividas, ressaltando a importância da RD como um espaço para a troca de ideias e experiências, como a importância do nome e sua ligação com a identidade, indicando que, mesmo em um mundo digital, aspectos pessoais e humanos, como a identidade, continuam sendo fundamentais. Isso ressalta a importância das rodas de leitura como um espaço para a troca de ideias e experiências, promovendo uma compreensão mais profunda e enriquecedora dos textos.

Outro ponto interessante, que merece reflexão, é a conclusão do participante “mais falante” que exaltou a estrutura da roda e apreciou a figura do leitor-guia. Mesmo sem ter envolvimento com estudos no campo, o participante alcançou conclusões parecidas com as estudadas pelo professor Pedro Garcia. Isso ocorreu porque, ao participar de uma atividade de roda, essas conclusões surgem de maneira clara e ele pôde ver na prática como nasce o conceito de roda no aprendizado.

Dessa forma, baseando-me nos estudos apresentados no decorrer do artigo e nas experiências expostas, concluo que a RD destaca a importância da interação humana no processo de aprendizagem, incentivando o pensamento crítico, a reflexão e a inventividade, promovendo um aprendizado ativo, em que os participantes contribuem gradativamente para discussão. Nesse ambiente, os participantes não se configuram apenas como receptores passivos de informação, mas contribuem ativamente para o processo, enriquecendo a experiência de aprendizado com suas perspectivas únicas. Essa ideia de roda de leitura está alinhada com as ideias de Jonathan Crary (2023) e Yuk Hui (2020), levantadas no início deste texto, ao reafirmar a importância do indivíduo e suas ideias, experiências e aspirações únicas no processo de aprendizagem. Mesmo em um



mundo cada vez mais digital, a necessidade de espaços para discussão coletiva, reflexão crítica e compartilhamento de experiências se faz importante. As Rodas de Leitura podem ser consideradas, portanto, atividades analógicas indispensáveis na era digital.

Referências

- ABREU, M. **Leituras no Brasil: antologia comemorativa pelo 10º Cole**. Campinas, SP: Mercado das Letras. 1995. 192 p.
- BECHTLUFFT, S. G. S.; GARCIA, P. B. **Andanças pelo país das maravilhas e pelo bosque do espelho: reflexões de Alice para a educação**. São Paulo: Paco Editorial, 2015.
- BERGMANN, J. C. F.; SBEGHEN, L. B.; POLICARPO, K. M. de S.; FONSECA, M. P. C.; NUNES, G. M. Formação docente: o analógico e o digital em debate. **Revista UFG**, Goiânia, v. 19, 2019. DOI: 10.5216/revufg.v19.60565. Disponível em: Revista UFG. Acesso em: 12 nov. 2023.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, [2016]. Disponível em: <https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/518231/CF88_Livro_EC91_2016.pdf>. Acesso em: 10 set. 2023.
- BUCKINGHAM, D. **Manifesto pela educação midiática**. Prefácio: Januária Cristina Alves; Tradução: José Ignacio Mendes. – São Paulo: Edições Sesc São Paulo, 2022.
- CABRERA, J. **O cinema pensa: Uma introdução à Filosofia através dos filmes**. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.
- CRARY, J. **Terra arrasada: Além da era digital, rumo a um mundo pós-capitalista**. Tradução de Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu Editora, 2023.
- DICIONÁRIO INFORMAL. **Analógico**. Disponível em: Dicionário Informal. Acesso em: 10 dez. 2023.
- DUBY, G. et. all. **Escrever... Para quê? Para quem?** Lisboa, Portugal: Edições 70, 1975.
- INSTITUTO METRÓPOLE DIGITAL. **Material Didático**. Disponível em: Instituto Metrôpole Digital. Acesso em: 12 dez. 2023.
- FISCHER, R. M. B. O dispositivo pedagógico da mídia: modos de educar na (e pela) TV. **Revista Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 28, nº 1, jan./jun. 2002.
- GARCIA, P. B. Círculo de Leitura: Identidade e formação do leitor. In: GARCIA, P. B. **Tecendo narrativas em rodas de leitura & outros textos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2023.
- _____. Literatura e identidade: Tecendo Narrativas em Rodas de Leitura. In: GARCIA, P. B. **Tecendo narrativas em rodas de leitura & outros textos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2023.
- _____. Literatura e identidade: tecendo narrativas em rodas de leitura. In: DAUSTER, Tânia e FERREIRA, Lucelana (Orgs.). **Por que ler?** (Perspectivas culturais do ensino da leitura), FAPERJ/Lamparina Editora, 2010.

_____. **Tecendo narrativas em rodas de leitura & outros textos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2023.

_____. Uma experiência de formação de leitores, com camadas populares, através de rodas de leitura. In: MASAGÃO, Vera (Org.). **Educação de Jovens e Adultos – Novos leitores, novas leituras**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras, 2001.

_____.; RITTI, R. C. O. Roda de leitura como formação do leitor. In: GARCIA, P. B. **Tecendo narrativas em rodas de leitura & outros textos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2023.

_____. O. Roda de leitura como instrumento de pesquisa. In: GARCIA, P. B. **Tecendo narrativas em rodas de leitura & outros textos**. Rio de Janeiro: Pembroke Collins, 2023.

GILMOUR, D. **O clube do filme**. Editora Intrínseca, 2009.

HADDAD, C. C. **Reflexões de um professor**. In: SILVA, L. H.; AZEVEDO, J. C. *Paixão de Aprender II*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 49.

HUI, Y. **Tecnodiversidade**. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **A formação da leitura no Brasil**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2003. 374 p.

MAFESSOLI, M. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. Tradução de Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: F. Alves, 1984.

MANGUEL, A. **História da Leitura**. São Paulo: Companhia das Letras. 2004. 408 p.

_____. Imagem como narrativa. In: MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

OLANDI, E. P. **Discurso e Leitura**. São Paulo: Cortez. 1988. 118 p.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. 1948. Disponível em: <<https://www.unicef.org/>> Acesso em: 10 set. 2023.

PORTAL SÃO FRANCISCO. **Raciocínio Analógico, Uso, O que é Raciocínio Analógico**. Disponível em: Portal São Francisco. Acesso em: 12 dez. 2023.

SILVA, N. dos S.; PIEDRAS, E. R. A maior aventura tecnológica da história da humanidade: expectativas sociais em relação às “novas” tecnologias de informação e comunicação no Brasil, entre 1990 e 2015. **Revista Comunicação e Cultura**, UCS, Caxias do Sul, v. 15, n. 30, jul./dez. 2016, p. 153-175 Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/159747/001022039.pdf?sequence=1>> Acesso em: 10 set. 2023.



SOARES, M. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, R.; SILVA, T. (Orgs.) **Leituras perspectivas interdisciplinares**. São Paulo: Ed. Ática, 1991.

TRINDADE, A. L. **Valores Civilizatórios Afro-brasileiros na Educação Infantil**. Salto para o futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

_____. Reinventando a roda: experiências multiculturais de uma educação para todos. In: TRINDADE, Azoilda Loretto da (Org.). **Africanidades brasileiras e educação** [livro eletrônico]: Salto para o futuro. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília: TV Escola, 2013.

VARGAS, S. **Leitura: uma aprendizagem de prazer**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997. 61 p.

_____. **Rodas de leitura – o que são, de onde vieram, para onde vão?** In: *Leitura: Teoria & Prática*, ano 16, junho, 1997, número 29, ALB/Mercado Aberto, Campinas, SP.

VEIGA, J. J. **Contos reunidos** / José J. Veiga; posfácio de Socorro Acioli. — 1a ed. — São Paulo: Companhia das Letras, 2021.